

A REFERÊNCIA DÊITICA IMAGINÁRIA EM ESCRITOS SOBRE LAMPIÃO

THE IMAGINARY DEICTIC REFERENCE IN WRITINGS ON LAMPIÃO

Caio César Costa Santos

Universidade Federal de Sergipe
caio-costa@live.com

RESUMO: O presente artigo trata de questões relativas à compreensão da referência dêitica imaginária. Nos estudos linguísticos atuais, não há uma posição teórica mais clara que trate deste tema. Então, propomos construir um artigo que possa contribuir para as futuras pesquisas em torno desta temática tão particular. Discutiremos, com base em testemunhos sobre a vida de Lampião, as manifestações linguísticas da dêixis imaginária, enfatizando o caráter demonstrativo da linguagem, a partir de especulações em Bühler (1967), único teórico contemporâneo a tratar deste tema. Perceberemos, nos exemplos extraídos de Lima (2008), para análise textual, que o uso do elemento anafórico demonstrativo torna mais acessível o acesso ao campo imaginado pelo enunciador, corroborando para a apreensão mais profunda dos sentidos do texto.

PALAVRAS-CHAVE: dêixis, referência, imaginário.

ABSTRACT: This paper treats of questions related to the understanding of the imaginary deictic reference. In current linguistic studies, there is no clearer theoretical position that treats of this theme. So, we propose to build an paper that can contribute to future research around this particular thematic. We will discuss the linguistic manifestations of imaginary dexis, emphasizing the demonstrative character of language, based on speculations in Bühler (1967), the only contemporary theorist treat of this theme. We will note, in the examples extracted from Lima (2008), for textual analysis, that the use of the demonstrative anaphoric element makes more accessible the access to imagined field by the enunciator, corroborating to the deeper apprehension of the meanings of the text.

KEYWORDS: dexis, reference, imaginary.

INTRODUÇÃO

Nos estudos contemporâneos das ciências da linguagem, o estudo concernente à figuratividade das manifestações linguísticas recobre um espaço de imersão do sujeito consciente na transmissão de uma mensagem codificada de modo representativo. Desde Aristóteles (2011), a noção de sujeito consciente adquiriu uma *percepção sensível* quanto à assimilação das categorias da subjetividade - as quais tomamos como destaque - as categorias dêiticas. Normalmente e de modo característico, a noção de dêixis toma forma com o legado dos gregos, de modo que apontar com os dedos para alguma entidade

ou forma linguística dimensiona uma visão unidirecional, abrangendo um campo específico de relações espaço-temporais.

Dentro da categoria da dêixis, é intuitivo expor que, de certo modo, apontar com os dedos para alguma entidade ou manifestação linguística, não garante à compreensão textual uma visão estritamente linguística ou que esta ação circunscreve à mediação da linguagem. O propósito aqui é o de refletir que o papel central da categoria dêitica não se resume ao caráter unicamente linguístico ou semiótico, ao contrário, a dêixis, como a própria etimologia sugere, reforça o modo representativo da linguagem. Ou seja, a função designativa de “apontar para alguma entidade dentro de um espaço e de um tempo específicos” não se limita à corporeidade do evento linguístico ou situacional, uma vez que o caráter heterogêneo da linguagem é constitutivo das formas múltiplas e elementares de designação de um objeto linguístico em seu estado primário.

O que poderemos observar nas linhas que sucedem este artigo é que a unidade semântica da dêixis tornar-se-à complementar partindo de observações analíticas mais aprofundadas, que não apenas àquelas construídas no plano sensório-motor da linguagem e nem àquelas formadas no contexto situacional de uso destas expressões. Estamos nos tratando, contudo, das expressões linguísticas dêiticas provindas do campo do imaginário, aquelas expressões cujo acesso imediato é extremamente limitado e cujo processo constituinte é dual. Em outras palavras, a dêixis em si carrega um estatuto designativo próprio, já a *dêixis imaginária*, como sugerem alguns estudiosos, não possui ainda uma caracterização própria, o que dificulta sumariamente o trabalho de compreensão destas categorias. De todo modo, propomos uma revisão dos estudos concernente à dêixis textual, levando em conta os aspectos teóricos engendrados e, de modo inicial, discutimos posições teóricas em torno da dêixis imaginária, contribuindo para uma melhor assimilação de seu uso.

Os escritos sobre a história mítica de Lampião nos possibilitaram compreender os meandros das incursões das expressões dêiticas desencadeadas pelo imaginário, fortalecendo a cultura acerca do tema e estabelecendo uma ponte entre linguística e imaginação.

O espaço textual da dêixis imaginária: delimitando um “campo mostrativo da linguagem”

O termo “dêixis”, segundo Bühler (1967), advém do modo de apontar com os dedos alguma entidade linguística visível em um tempo e em um espaço, particulares. Esta noção sincrônica propõe que os objetos do meio linguístico estejam sobrepostos um ao outro, como uma espécie de enfileiramento. A imagem mental que repousa nesta ideia central remonta, por exemplo, a época das catástrofes em que os soldados alemães ficavam em posição erecta, de sentido, demonstrando respeito à tradição nazista. O campo da dêixis ou o espaço textual dêítico assimila esta dimensão perceptual de exposição dos objetos físicos numa linha horizontal. Neste caso, os soldados formam fisicamente uma linha horizontal a qual representa as três instâncias fundamentais da dêixis, são elas, a pessoa, o tempo e o lugar. Respectivamente, o eu-aqui-agora. Para onde apontem, com os dedos, a instância de todo discurso está no ponto fixo ou no ponto axial.

Toda imersão ou forma linguística, na compreensão do texto, revela um certo tipo de apontamento, seja ele, físico ou mental. Sendo assim, cada apontamento se vale do campo mostrativo da linguagem, o qual é este da linha horizontal. O espaço comumente característico da dêixis é colocado em contraponto quando inferimos que as colocações pronominais sugerem uma localização em perspectiva. Sintagmas nominais como *aquela lugar* ou *esta casa* revelam caracteres distintos quanto à posição espacial do sujeito consciente, o que quer dizer que muito se vale, na compreensão do discurso, da posição do expoente ao apontar para unidades discursivas no tecido do texto. A noção de “espaço” é uma característica de suma importância desde que absorve do legado da fenomenologia da percepção, como podemos observar em Merleau-Ponty (2011). Se o sujeito, consciente de seu papel enquanto transmissor de uma mensagem, veicula-a dentro de um contexto verbal, este sujeito tem que ter em mente que a posição que ele assume no território ao que lhe cabe é de ordem perceptual. Ou seja, a emissão de um sintagma nominal como *esta casa* pertence ou dialoga com a posição que o sujeito da linguagem exerce dentro de um limite textual. Questionar se *esta casa* está próxima ou não do ponto fixo de ancoragem dêítica depende da relação contextual. O mesmo acontece com

aquele lugar, dizer que este ou aquele “espaço” está distante ou não do ponto de ancoragem dêitica requer do analista uma aproximação com as formas elementares deste discurso.

Normalmente, como podemos observar nos estudos linguísticos, o espaço textual da dêixis é caracterizado como o eu-aqui-agora da enunciação, levando em consideração estas três instâncias discursivas. Porém, sabemos que, para cada abordagem discursiva do texto, a pessoa, o lugar e o tempo irão variar conforme às intenções do locutor, bem como conforme às intenções do lugar e do tempo. Contudo, a discussão aqui estabelecida pretende demonstrar não necessariamente o efeito linguístico destas três instâncias, mas o de mostrar, com exemplos, que o campo textual da dêixis atinge o modo reflexivo se não representativo da linguagem. O objetivo, então, deste ensaio, é o de problematizar a noção clássica de dêixis e contrapô-la à noção de dêixis imaginária. Esta reforça a ideia do imaginário, pois estamos nos tratando de impressões afetivas as quais provocam uma distensão do campo de ancoragem dêitica, enquanto que aquela resume às posições locais ou expansivas dos participantes da interação.

Um ponto que merece destaque nesta discussão inicial é que estamos nos valendo de um campo textual da dêixis o qual pode ser reconhecido de modo superficial no momento de reconstrução dos sentidos, já que a linguística de texto propõe que o texto é uma entidade complexa de difícil compreensão. Mas, os sentidos do texto de uma abordagem linguística com dêixis alcançam um nível de compreensão mais aprofundado, dado que os sentidos não são revelados assim de modo tão superficial, por conta do componente contextual ou pragmático. As categorias linguísticas que encobrem o campo textual da dêixis são despertadas, no liame do texto, partindo da experiência imediata com o “espaço” em torno. Porém, aquele que propõe esta “translocação” do espaço imediato é novamente o sujeito consciente da linguagem. O corpo físico do sujeito fica na posição de perceber visualmente o objeto circundante e, com os dedos, apontar para este ou aquele objeto. A dêixis funciona deste modo bem peculiar. Contudo, as categorias de análise da dêixis imaginária não são as mesmas que as do campo textual. O gesto de apontar com os dedos alguma referência dêitica é também articulado com a dimensão prévia do discurso, o que

confere à análise, além de um dado semiótico, um componente cognitivo ou imaginário.

Se a dêixis tem a característica de apontar com os dedos alguma entidade no sistema linguístico, pois estamos nos tratando do texto enquanto artefato de múltiplas camadas, então a recuperação destes referentes circunscreve à dimensão da memória. Em estudo recente, Santos e Lima (2015), sugeriram que a memória, enquanto processo mnemônico por natureza, favorece a compreensão dos sentidos dos textos e, mais do que isso, pertence à unidade semântica de todo ato verbal que incite a recordação de eventos já passados. Para se chegar à dimensão do imaginário, é preciso antes conhecer o papel da memória neste processo de referência dêitica. Vemos que o ponto fixo ou axial do discurso é o próprio eu-aqui-agora e que este ponto, em particular, é a única referência perceptível que o sujeito da linguagem tem no espaço visível. Somente com base neste “ponto”, que as remissões contextuais são mais aparentes para a elucidação dos sentidos. Não existe, portanto, uma base germinativa do discurso sem se levar em consideração este ponto fixo de ancoragem dêitica. Inicialmente, o analista do texto tem que ter em mente este “ponto” e, posteriormente, discernir quais são os outros “pontos” característicos da referência dêitica.

Não tão somente o “eu”, o “aqui” e o “agora” são considerados dêíticos. Na língua, temos também os pronomes demonstrativos que, articulados com alguma substância linguística, produzem sentidos para o texto. Os demonstrativos são determinantes porque eles possuem uma potência afetiva que tem a função de expandir as coordenadas espaço-temporais do espaço textual da dêixis. Santos (2014), em sua dissertação, defendeu que os demonstrativos são os responsáveis por conferir à língua uma qualidade anafórica, ou seja, de movimento às categorias dêíticas. Ou seja, os atos visíveis de demonstração (*este-esse-aquele*) são indispensáveis para certos atos de referência dêitica. Se a dêixis textual foi sempre estudada em conexão com os recursos imediatos da linguagem ou visíveis, os gestos perceptuais com o uso de categorias demonstrativas designam a modo de linguagem natural proveniente da experiência com *aquele* dado objeto. Se a referência dêitica for demonstrativa, é possível supor que a relação contextual com *aquele* objeto é

de segunda ordem, ou mesmo intermediária. Este fato pode ser considerado verdadeiro porque como a dêixis é uma operação linguística da língua natural, os modos de enunciação são perceptíveis primariamente na interação face a face. Resumindo: primeiro, acontece a enunciação dentro de um espaço e tempo particulares, o primeiro contato com o objeto referencial ou o referente acontece na situação verbal, enquanto que o segundo contato com *aquela* objeto acontece na situação imaginada. Ou seja, de um lado, temos o espaço perceptual do falante, de outro, o espaço imaginativo do falante.

A configuração dos modos designativos da linguagem natural não é a mesma da sistematização dos dados linguísticos da linguagem artificial. Lahud (1979) propôs este embate epistemológico para argumentar que a manifestação da linguagem acontece em vias de escoamento, ou seja, os atributos herdados dos segmentos linguísticos são co-construídos com base no aparato cognitivo dos interlocutores. Este dado é característico das línguas naturais. Primeiro, porque a dêixis, por exemplo, é um tipo de procedimento linguístico (e também estilístico) que oferece à língua múltiplas formas de monitoramento, expiação e comportamento. Se o espaço textual da dêixis resume aos “três indivíduos linguísticos”, como problematizou Benveniste (1989), sumariamente, a língua natural pertence aos dados da interação imediata da experiência. Dentro deste escopo, podemos supor que cada espaço textual da dêixis equivale a uma pessoa linguística, ou seja, a um núcleo de subjetividade ou índice subjetivo, esta pessoa é que garante ao espaço textual da dêixis a ideia de deslocamento, expansão das relações de tempo e de espaço.

Visto sob este ângulo, a figuratividade da pessoalidade no discurso o qual engloba o “eu”, o “tu” e o “ele” tem a função de delimitar qual instância actancial estamos nos tratando no modo de processamento da linguagem dêitica. Na sentença: “Eu buscarei você”, evoca ao leitor a sensação de expectativa, de entrosamento entre a primeira e a segunda pessoa do discurso. O “eu” sempre tem a posição axial, ou seja, total do discurso, uma vez que as marcas de subjetividade estão todas concentradas na primeira pessoa do singular, até porque é o “eu” que exerce a função de “delimitador” das formas operantes do discurso. Naquela sentença, o “eu” exerce um poder diretivo em relação ao “você”. Na sistematicidade do discurso, o “você” está no segundo plano de

diretividade dêitica, porém, ambos os indivíduos linguísticos têm a função de apontar para qualquer espaço dentro de um limite temporal. Já com outra sentença temos algo inovador no processamento da linguagem natural, vejamos: “Eu buscarei você naquele prédio”. A ideia de expectativa permanece nesta proposição, contudo, há, agora, um lugar até certo ponto específico, o qual é delimitado pela primeira pessoa do singular. O aparecimento no discurso do sintagma nominal “daquele prédio” é apontado ou indiciado pelo “eu” como o “lugar” para o qual as duas instâncias discursivas irão se encontrar, exercendo o papel de ancoragem dêitica. Embora o ponto fixo deste discurso seja a relação simétrica entre o “eu” e o “tu”, a noção de espacialidade só exerce função no discurso partindo da expressão dêitica demonstrativa “daquele prédio”.

Continuando com as exposições sumárias das pessoas do discurso, o “ele” se apresenta como a terceira instância discursiva. Vejamos a seguinte proposição: “Ele agora repousou”. Neste limite espacial, podemos encontrar a figuratividade da terceira pessoa exercendo o papel de “primeira pessoa”. Mas, não com as características subjetivas subjacentes ao “eu”. O “ele”, no discurso, provavelmente já seja conhecido pelo interlocutor. Diante desta informação, o contexto prévio ou o contexto prospectivo é que vão orientar espacialmente e temporalmente a unidade semântica deste enunciado. Porém, a intenção do “ele” é demonstrar que “agora”, no momento atual, a pessoa do “ele” está precisando de descanso, repouso. Logo, a intenção proeminente do enunciador é a de provocar no espectador esta sensação que, dentro de alguma instância, foi provocada pela situação prévia. A noção de situação prévia é equivalente para os nossos propósitos, uma vez que traz à tona, como uma espécie de lampejo, a *situação am phantasma* nos termos buhlerianos, ou a situação imaginária. Estamos, pois, nos tratando das imagens mentais que são construídas linguisticamente por intermédio da ancoragem dêitica. Partindo deste princípio, a evocação mental de um componente dêítico requer uma reorganização do campo textual da dêixis. Como isto se procede?

Bem, normalmente, as categorias dêíticas referem-se a entidades ou mecanismos referenciais *presentes* no texto, mesmo que seja na camada mais profunda do texto, porém, usando as categorias dêíticas da imaginação, o

acesso imediato à dêixis imaginária não é feito de antemão.

O processo de estocagem dos elementos dêiticos mnemônicos provém do deslocamento perceptual do campo textual da dêixis, em outras palavras, da expansão das coordenadas espaço-temporais do ponto fixo, o *Origo*. É como se o ponto fixo de ancoragem dêitica tivesse um certo limite de menção dêitica, concentrando-se primordialmente no ponto zero da enunciação. Após este “ponto” fixo de ancoragem dêitica, no momento em que a dêixis imaginária exerce o papel de apontar para alguma entidade não visível ou não presente, o discurso toma um lugar que não é mais unidirecional, mas, de acordo com Benveniste (1989), “translocacional”. Ou seja, a unidade semântica do componente dêitico não é mais a situação verbal ou física, mas uma situação dual, fictícia, imaginada. Isto acontece porque os falantes combinam o uso terminológico dos dêiticos com o ato de demonstração corpóreo (como o ato de apontar para algo ou alguém). Quando o espaço textual da dêixis é construído, eles, os falantes, referem, olham ou interagem com o espaço textual não visível.

A construção do espaço textual da dêixis imaginária em narrativas sobre Lampião: apontando um campo demonstrativo da linguagem

Bühler (1967) foi um dos primeiros linguistas, na década de 30, a testemunhar a relevância do postulado da dêixis linguística para os propósitos comunicativos. Além de especificar o quadro de abordagem acerca da dêixis, Bühler teceu discussões em torno dos subtipos da dêixis, dentre eles, o da *deixis am phantasma*, subdividindo-a em dois modos de transposição: (a) na primeira transposição; o falante refere-se fisicamente a objetos ausentes como se eles estivessem presentes; (b) na segunda transposição; o falante desloca-se na imaginação para um lugar que é lembrado e construído com base na experiência prévia dos lugares similares. Para ambas as transposições, elegemos duas questões: (a) como este falante, na camada do discurso, aponta para objetos ou entidades não visíveis ao alcance somente de sua percepção? (b) de que modo este mesmo falante executa movimentos anafóricos, partindo-se de uma situação prévia utilizando a imaginação? Estes dois fatores em comum irão permear as discussões deste presente tópico.

Normalmente, as manifestações linguísticas acometidas no decurso da linguagem com referência dêitica estão ancoradas no tratamento empírico da linguagem ou em seu uso natural, como especificou Lahud (1979). Isto quer dizer que a “experiência”, ou seja, o contato físico com o objeto, é condição *sine qua non* para a tessitura de sentidos, que sejam compreendidos pelo analista do texto. Mas, boa parte destas experiências, seguindo uma tradição semiótica, circunscreve à mediação entre referente, aquilo que designa e o signo, aquele que representa. Nos estudos sobre a dêixis linguística, o tratamento com os sinais é o mais característico possível, por conta da experiência com o objeto denotado ser ordinária, pessoal, subjetiva, mentalizada, etc. Os dados da ação imediata acontecem no presente linguístico e no espaço físico ou, nos termos benvenistianos, no tempo “aoristo”. Já a dêixis imaginária é um tipo de procedimento linguístico que requer a força mentalizada do espectador para contrapor caminhos distintos de averiguação da linguagem natural. Apontar ou indicar com os dedos alguma entidade física ou concreta reclama do emissor da linguagem um conhecimento, mesmo que provisório, do campo mostrativo da linguagem.

Bühler (1967) testemunhou que, na linguagem, só há apenas um campo indicativo, ligado a recursos indicativos sensíveis. O falante, para demonstrar, pode usar *anaforicamente* os mesmos demonstrativos. Assim sendo, há um campo denominado de *deixis am phantasma* em que o dedo, enquanto índice e instrumento da *demonstratio ad oculos*, é substituído por outros recursos indicativos e, se o substitui, inclui aí as coisas presentes. Quando um dado falante enuncia: “este sombreiro”, encontramos três momentos, a saber, o gesto do dedo, a palavra “este” e a palavra “sombreiro”. Sinalizar é sinalizar e nada mais. Percebemos, com este gesto, que o contexto é compreendido em virtude da relação com o objeto designado. São, portanto, os gestos e os dados sensíveis psicologicamente equivalentes os que tornam possíveis esta compreensão, partindo obviamente das circunstâncias da situação. Quando o falante expressa: “aquela árvore”, a partícula demonstrativa *individualiza* o nome “árvore”, sendo esta uma de suas funções lógico-semânticas. Porém, Bühler (1967, p. 156) explicita que, “não há nenhum signo indicativo fonético que pode

prescindir do gesto ou de um fio condutor sensível equivalente ao gesto e, por último, de uma convenção orientadora que o substitua”.

Como na sentença anterior, em “aquela árvore”, é possível discernir que quando a coisa mentalizada e aquele que enuncia estão em um e mesmo limite espacial, a enunciação afeta também naturalmente o “aquele”. A teoria da *deixis am phantasma* ou da dêixis imaginária demonstra que a apresentação de algo “a buscar-se” e “encontrar-se” em lugares do espaço perceptivo só acontece na mediação com o conjunto global do discurso. Considerando psicologicamente, todo uso anafórico dos demonstrativos pressupõe uma coisa, que emissor e receptor, têm presente na fluência do discurso como um todo, cujas partes se podem reter e antecipar. Emissor e receptor têm, pois, que ter presente esse todo, de sorte que seja possível o “relembrado” ou o “reconstituído” ser comparado ao objeto presente fisicamente. Diante disto, torna-se possível reconstruir o campo das coisas recordadas, ou em termos buhlerianos, da *fantasia construtiva*. Explicamos mais detidamente este processo, quando um narrador leva o ouvinte ao reino do ausente recordável ou ao reino da fantasia construtiva e o observa com os mesmos demonstrativos para que se veja o que ali quer ver não com os olhos enquanto estruturas físicas, mas com os olhos interiores ou espirituais, o narrador quer salientar ou demonstrar que o espaço perceptivo para onde o ouvinte olha, não é o campo habitual da percepção imediata e sim o da fantasia construtiva, o da dêixis imaginária. Ou seja, o movimento dos olhos e todo o comportamento sensório-motor é introduzido logo *secundariamente*.

Vejamos, agora, partindo de narrativas sobre o universo mítico da história de Lampião, como estes traços dêiticos são evidenciados e co-construídos na camada mais profunda do texto:

(1) Amanhã vou completar noventa e cinco anos. *Naquele tempo de Lampião*, não tinha quem quisesse ir tirar madeira no sertão de Porto de Folha [SE] com medo da tropa de Lampião que estava esparramada *nessa caatinga* né! Aí, o povo dizia: “Eu vou *lá* nada! Vou *lá* pra morrer!” Outro dizia: “se a gente cair nas unhas do povo de Lampião pronto, acabou”. Aí eu dizia: não se assombre não (LIMA, 2008, p. 264).

A história de Lampião encontra os adeptos fortificadores da cultura elementar do cangaço, como também aqueles que são contra as temíveis ações

do bandoleiro perpetradas no sertão nordestino. Um tipo de história que, para muitos, não passa de suma ilusão, enquanto, para outros, justifica a verdadeira história de um homem que sobreviveu às maiores temperanças que o homem moderno podia se submeter. A história de vida do personagem mais conhecido entre os nordestinos, o que não há um nordestino que não conheça ao menos alguma peripécia que ele, o personagem central, tenha acometido. Lampião era de origem muito humilde, solitário, andante, cabra da peste, órfão dos pais. Dizem, alguns relatos, que a fúria imperiosa de Lampião se deu com a morte de seu pai. Antes disso, em sua infância, Lampião se assemelha a estes pequenos judeus dos lares nordestinos que têm em si uma árdua fé com os santos, com especificamente Padre Cícero. Contam que a fé de Lampião muito o ajudou durante a sua peregrinação nos meandros das terras perenes da região nordeste do Brasil. Não só a fé, mas a temperança atrelada à sede de justiça o fizeram de um mero fidalgo a um reconhecido campestre das terras nordestinas. Alguns dizem que esta sede de justiça se deu por conta da morte de seu pai, outros especulam que foi por conta da pobreza que ali subexistia.

Diante de todo cenário de injúria e descrença, Lampião nasceu. Desde aqueles fatídicos momentos de uma política calcada na proletarismo em que os donos de terra comandavam e mandavam nos pobres coitados, uma ética do comportamento que lembra a história dos escravos, da compra por “estambo”, por mercadorias impróprias para o consumo. Lampião nasceu daí, deste universo testemunhalmente discriminatório das massas, dos menos favorecidos, daquela classe inferior e desprivilegiada. Pensamos que a sede de justiça de Lampião tenha vindo deste meio servil, injusto e desencadeador de múltiplas personalidades boas e más. Em contrapartida, o jovem lampião aprendeu muito quando era almocreve, ajudando os seus pais e familiares na colheita de pequenos utensílios. Lampião ainda jovem sabia cavalgar. Isto o ajudou muito, sabendo ele que, mais tarde, não saberia como ia se suceder a sua vida naquele emaranhado da caatinga. A personalidade dúbia, dupla, ou se quer dizer, o duplo em Lampião coverbera nas ações que se perpetuaram na década de 30 no semi-árido nordestino. Ele não queria só trazer vingança, mas pretendia também perpetuar a paz. Era ainda conhecido pelos pobres como o

robin wood do sertão. As mortes perpetradas por ele por ódio e ainda as andanças em Sergipe, Alagoas e Pernambuco, para citar as principais, traziam consigo o ideário da conquista por terras que ali, onde ele ficava, não eram suas, mas relembra muito ainda o seu princípio cavalheiresco. Aonde ele chegava, ele causava. Era amado por muitos, e odiado também por muitos. De toda forma, na explicitação do testemunho (1), podemos averiguar algumas destas características explicadas acima sobre o mito Lampião.

Para os nossos propósitos acerca da teoria da dêixis imaginária, a história sobre o legado de Lampião no Nordeste nos deixa rastros profundos quanto à categorização deste episódio fatídico. Em “naquele tempo...”, podemos perceber claramente o uso de uma partícula demonstrativa, logo após a depoente especificar a sua idade, noventa e cinco anos. Com maestria, a depoente conta que naquele tempo não conhecia ninguém que pudesse retirar madeira em Porto da Folha (SE), pois eles, os moradores de lá, tinham medo de serem sequestrados ou até exterminados por Lampião. O uso anafórico e demonstrativo em *naquele tempo* recobre uma enunciação que já aconteceu anteriormente. A atual expoente, de nome não revelado, mostra, a partir de seu conhecimento enciclopédico, que naquele tempo não se podia recolher madeira em determinado local, não especificado, que o sujeito poderia ser morto. A questão é se “naquele tempo” é mesmo uma dêixis imaginária ou um introdutor referencial da memória? Podemos dizer que são ambos. A depoente introduz o seu discurso com um elemento demonstrativo construído com a sua imaginação, a saber, *naquele tempo* para posteriormente introduzir outros elementos não demonstrativos, a saber, as anáforas: “madeira”, “sertão”, “medo da tropa”. Psicologicamente, a depoente iniciou o seu testemunho com “naquele tempo” que pode ser substituído por “naquele instante”. Porém, sabemos que ambas as dêixis imaginárias têm significados distintos, a primeira remonta um tempo com maior amplitude espacial a fim de abarcar a estória da extração de madeira, enquanto que a segunda delimita que a situação ordinária ocorreu de modo súbito.

Outro modo de apreensão do discurso se dá com o uso de *nessa caatinga*, aqui, percebemos que há um deslocamento provisório do espaço perceptivo do falante, não mais se destaca o tempo como todo, mas sim o tempo voltado para

o clima daquela estação naquele dado tempo. Com o gesto de apontar, a depoente certifica-se de que foi *nessa caatinga* que o bandoleiro poderia estar. Além disso, podemos compor o enunciado tecendo que o uso deste demonstrativo ocasionalmente foi fruto da imaginação, pois, no conhecimento compartilhado da depoente, a caatinga, enquanto superfície espacial, costuma ser uma imagem mental muito presente em sua vida. A mesma depoente emprega o dêitico espacial *lá* em duas ocasiões: “eu vou lá nada”/“Vou lá pra morrer”. O uso desta expressão dêitica reincide no discurso, fortalecendo a enunciação da narrativa. O *lá* reflete o espaço perceptivo do falante anterior, a saber, a caatinga, como também o *lá* pode significar o espaço perceptivo em que o sujeito Lampião se encontra. Válido assinalar que todos estes comentários acerca do uso dos demonstrativos nos mostram que é com a força dos índices, sejam gestos ou modos de apontamento, que o discurso da referência dêitica se efetiva.

(2) Quando acabaram com a vida de Lampião, eu ainda não tinha nem nascido. Mas *eu* conheço muita estória de sua vida, da vida de Lampião, da vida de seu bando e de outros cangaceiros. Até *essas estórias* ainda se contam hoje, os homens quando ficam *ali* na pracinha conversando lorota, *ai* se lembram e falam *daquele tempo de Lampião e de sua história*. A história do rei do cangaço o povo nunca esquece. Eles ainda se lembram porque *essa história* é contada por muita gente daqui ainda (LIMA, 2008, p. 274).

Testemunhos como este exemplificado em (2) nos mostram como a saga da vida de Lampião contém múltiplas versões. Neste episódio em particular, a depoente, de nome não identificado, nos conta que, na época do triunfo do cangaço, ainda não era nem nascida, porém, neste tempo, já especulava-se sobre as peripécias e as características mais sublimes que o reinado de Lampião acometia naquele espaço do semi-árido criado por ele mesmo. É comum, até hoje, a disseminação das estórias sobre o Virgulino e a sua personalidade singular Lampião, as estórias se passavam de geração para geração, causando uma atmosfera de espetáculos, ações, “diabruras” acerca da personalidade de Lampião em terras nordestinas. A depoente emprega a partícula demonstrativa *essas estórias* com a intenção de enfatizar as várias versões públicas deste mito. O analista de texto pode se questionar de quais “estórias” o enunciador do texto está se tratando, afinal, no enunciado não fica evidente de quais “estórias” se

tratam. Mas, de antemão, o anafórico demonstrativo funciona também como um encapsulador a fim de condensar toda uma situação prévia.

A questão é se essas *estórias* funcionam no discurso como uma dêixis imaginária. Isto vai depender do centro de perspectiva do observador ao compreender o texto e, mais, se o enunciador deixou pistas contextuais que podem levar a tal caracterização. O que é relevante pressupor deste dêitico em específico é que o uso demonstrativo de *essas estórias* além de encapsulador, volta a apontar para a situação imediata do discurso, a saber, o da pracinha. Ou seja, o recurso ao elemento demonstrativo *essas estórias* tem uma via de mão dupla: aponta tanto para o espaço perceptivo do falante, quanto para o espaço imaginado por este mesmo falante.

Percebe-se que o espaço da “pracinha” toma forma no discurso a partir do uso do dêitico espacial *ali* em “os homens quando ficam ali conversando...” É como se a depoente estivesse com o dedo apontando para o campo central da pracinha, localizando o lugar sob o qual os homens e as mulheres ficavam conversando, papeando, etc. Até então, o discurso se efetiva na presente instância do discurso até que, após uma pausa momentânea com o uso do dêitico espacial *aí*, o discurso adentra a uma dimensão própria da imaginação em “daquele tempo de Lampião e de sua história”. Ou seja, o espaço de ação imediata, a “pracinha”, toma uma nova forma de localização, sendo não mais o espaço físico, mas uma instância discursiva construída com a força do pensamento. É como se a pracinha concentrasse o ponto fixo de ancoragem dêitica entre a situação verbal (“ali”) e a situação imaginada (“daquele tempo”). Por fim, em *essa história* o enunciador quer salientar da história mítica do rei do cangaço, que ora era considerado um rei ou soberano, ora era considerado um demônio ou uma criatura fantasmagórica. Essas histórias tecem o discurso, fazendo e se refazendo por intermédio de dêiticos demonstrativos.

CONCLUSÃO

Seguindo os nossos propósitos, conclui-se que a dêixis imaginária é um tipo de procedimento além de linguístico, episódico e mentalizado. Divergindo da concepção clássica de dêixis linguística a qual toma como base o eu-aqui-agora

da enunciação, a dêixis imaginária recobre um campo demonstrativo da linguagem que individualiza as ações perpetuadas pelos co-enunciadores. Ou seja, é no próprio eu-aqui-agora da enunciação que a dêixis imaginária acontece, porém, deixamos claro que as pistas contextuais só são evidenciadas no texto partindo-se do deslocamento perceptual do objeto designado. Percebemos também nos exemplos elencados para análise textual que o uso do elemento anafórico demonstrativo torna mais acessível o acesso ao campo imaginado pelo enunciador, corroborando para a apreensão mais profunda dos sentidos do texto.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução do grego de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.
- BUHLER, K. **Teoria del lenguaje**. Tradução de Julián Marías. Madrid: Revista de Occidente, 1967. Tradução de: Sprachtheorie. Jena. Gustav Fischer, 1934.
- LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.
- LIMA, G. O. S. **O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado**: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião. 2007, 304f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- SANTOS, C. C. C. **Bons tempos aqueles**: implicações na expansão do campo dêitico. 2014, 100f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.
- SANTOS, C. C. C.; LIMA, G. O. S. Linguística de texto e memória. In: VI ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, 6, 2015, São Cristóvão. **Anais...** São Cristóvão: PPGL, 2015, p. 1-9.

Recebido em 16 de abril de 2018.
Aceito em 30 de setembro de 2018